

Gilberto Freyre e o hibridismo da sociedade ibérica

Gilberto Freyre y el hibridismo de la sociedad ibérica

Gilberto Freyre and the hybridism of Iberian Society

AUTOR

Elide Rugai Bastos*

eliderugai@uol.com.br

* Professora titular do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil).

RESUMO:

O artigo aborda como a leitura dos autores espanhóis Ángel Ganivet, Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset foi fundamental para o desenvolvimento das temáticas "regionalismo", "tradicionalismo" e "formação do povo" na obra de Gilberto Freyre. Argumenta que além dos temas centrais em sua reflexão o método que ancora a abordagem dos escritores hispânicos é reivindicado pelo autor pernambucano, caracterizando sua narrativa. O texto argumenta, ainda, que a combinação desses elementos possibilita a consideração da Península Ibérica e do Brasil como sociedades caracterizadas por traços simultaneamente orientais e ocidentais. Busca apresentar, também, esse perfil híbrido não como uma visão dualista, mas compondo uma definição articulada, apontando a interpretação do conjunto dos autores analisados não marcada pelo regionalismo, mas de caráter totalizador.

RESUMEN:

El artículo aborda cómo la lectura de los autores españoles Ángel Ganivet, Miguel de Unamuno y José Ortega y Gasset fue fundamental para el desarrollo de los temas "regionalismo", "tradicionalismo" y "formación del pueblo" en la obra de Gilberto Freyre. Argumenta que, además de los temas centrales en su reflexión, el autor pernambucano reivindica el método en el que se basa el abordaje dado por los escritores hispánicos, caracterizando su narrativa. El texto argumenta también que la combinación de esos elementos permite considerar a la Península Ibérica y a Brasil como sociedades caracterizadas por trazos simultáneamente orientales y occidentales. Busca presentar, asimismo, ese perfil híbrido no como una visión dualista, sino componiendo una definición articulada, apuntando una interpretación del conjunto de los autores analizados no marcada por el regionalismo, sino por un carácter totalizador.

ABSTRACT:

This article discusses how the reading of Spanish authors Ángel Ganivet, Miguel de Unamuno and José Ortega y Gasset was fundamental for the development of the themes "regionalism", "traditionalism" and "formation of the people" in the work of Gilberto Freyre. We argue that in addition to the central themes of reflection, the method that anchors the approach of Hispanic writers is claimed by the Pernambuco's author, characterizing his narrative. The text also argues that the combination of these elements makes it possible to consider the Iberian Peninsula and Brazil as societies characterized by both Eastern and Western features. It also seeks to present this hybrid profile not as a dualist vision, but composing an articulated definition, pointing out the interpretation of the group of authors analyzed not marked by regionalism, but of a totalizing character.

1. Introdução

O conjunto de livros de Gilberto Freyre denominado pelo autor *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil* composto por *Casa-grande & Senzala* (1933); *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959)¹ cobre períodos decisivos para a história do Brasil: Colônia, Império e Primeira República. A temática, presente de forma integrada nos três textos - patriarcalismo, articulação entre etnias/cultura, trópico - ganha peso diferente em cada um deles. No período colonial, sob o controle patriarcal, a mestiçagem racial e cultural ganha centralidade em sua análise. Na época imperial, em especial durante o Segundo Reinado, a centralização do poder na figura do monarca e o crescimento das cidades concorrem para a decadência do patriarcalismo, levando à alteração de uma ordem social secularmente constituída. Na transição do Império e início da República, os efeitos da abolição da escravidão, a alteração do perfil populacional resultante da imigração, além do deslocamento do poder econômico e político para novas regiões, resulta em mudança no equilíbrio social do país.

Creio que tanto a riqueza dos temas como a complexidade dos momentos históricos contidos nessas obras estão longe de serem resumidos em um parágrafo. A fluidez narrativa, a argúcia argumentativa, os deliciosos exemplos apresentados, a ousadia no trato dos documentos, características presentes na escrita de Gilberto Freyre só podem ser degustadas na leitura de seus textos. Esse autor rompe a linearidade histórica com que os acontecimentos são apresentados pelos escritores anteriores conferindo-lhes sentido original. Trata-se de outro modo de contar a história do Brasil. Esse traço, que o próprio escritor ressalta, seria uma das características herdada da literatura ibérica.

Gilberto Freyre, no primeiro capítulo de *Casa-grande & Senzala* atribui a predisposição do português à colonização híbrida do Brasil, definida como amena e sem grandes conflitos, à influência cultural do norte da África sobre o povo ibérico. Mais ainda, lembra que essa influência “amolece” as próprias instituições retirando-lhes “as durezas germânicas”, resultando disso “a Europa reinando, mas sem governar; governando antes a África” (Freyre, 1933, pp. 2-3). A bicontinentalidade marca o comportamento do povo ibérico, o que leva as sociedades espanhola e portuguesa a se caracterizarem pela busca de acordo entre situações extremas. Essa tese, acompanhada por exemplos, serve de base à tese do “equilíbrio de antagonismos” que atravessa sua argumentação nesse livro. Tal traço é transportado ao Brasil tanto por meio do colonizador como do escravo africano. Trata-se de um elemento essencial do caráter nacional: “A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados” (Freyre, 1933, p. 377).

Exemplifiquei com *Casa-grande & Senzala*, mas acentuo que a mesma reflexão aparece em *Sobrados e Mucambos*, *Interpretação do Brasil* (1947), *Novo mundo nos trópicos* (1971), entre outros livros. A tese de conflitos equilibrados é simbolizada no próprio título da obra mais famosa de Freyre: não se trata de casa-grande e senzala, no sentido de proximidade de dois atores em oposição, mas de casa-grande & senzala, sugerindo articulação entre dois grupos que, em princípio estariam condenados a opor-se. Mais tarde, ao comentar suas intenções ao escrever esse livro, mostra que “casa-grande” é símbolo do status de dominação e “senzala” simboliza subordinação e submissão. O & entre as duas posições representaria a interpenetração, fundamento das formas que conferem à sociedade e culturas brasileiras “características de desenvolvimento e não apenas de estabilidade. De dinâmica democratizante como corretivo à estabelecida hierarquia” (Freyre, 1968, p. 120). A afirmação de conciliação de conflitos na sociedade brasileira funda a interpretação de Freyre sobre a peculiaridade das relações senhores e escravos que, no Brasil, é inversa àquela das sociedades escravocratas, nas quais

PALAVRAS-CHAVE

Gilberto Freyre;
região; tradição;
escritor ibérico;
hibridismo social.

PALABRAS CLAVE

Gilberto Freyre;
región; tradición;
escritor ibérico;
hibridismo social.

KEYWORDS

Gilberto Freyre;
region; tradition;
Iberian writer;
social hybridism.

Recibido:
20/11/2019

Aceptado:
08/04/2020

predomina a imposição da cultura dominante. “Na formação brasileira, o escravo africano exerce o papel de *civilizador*, através da absorção, no seio da casa-grande, de seus usos e costumes pelos brancos” (Bastos, 2003, p. 76). De certa forma, a inversão do lugar do escravo de dominado a dominante torna-se proposição que lhe permite definir a sociedade brasileira marcada pela democracia social.

Apesar de tratar-se de um aspecto da argumentação freyriana entre outros temas, percebe-se neste exemplo a recusa do autor em aceitar o modelo ocidental como conformador da sociedade brasileira. Assim, ao desenvolver a reflexão sobre a articulação entre etnias e culturas, Freyre se apoia na recusa do evolucionismo como eixo explicativo opondo a ele a ideia de processo descontínuo entre culturas. Se a tese o aproxima dos autores decadentistas o sentido que lhe confere é diverso. Essa afirmação e a recusa da visão de uma cultura progressiva são temáticas importantes na bibliografia europeia das duas primeiras décadas do século XX. Na Espanha, o texto de Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote* (1914) levanta a questão ao afirmar as características diferenciadas das sociedades mediterrâneas.

Em outros termos, não se trata de pensar o decadentismo do mesmo modo que os autores europeus em geral, mas refletir sobre ele no quadro da tradição ibérica. Quando Freyre propõe o retorno às tradições para a solução da crise brasileira - em especial nos textos dos anos 1920 - não lamenta “o abandono de tradições ocidentais, cristãs, mas aponta a crise como resultado da perda dos elementos híbridos, ocidentais e orientais, portugueses e árabes, europeus e africanos” (Bastos, 2003, p. 77). Estes, segundo o autor, foram sempre a garantia do equilíbrio social da sociedade brasileira. Vários autores espanhóis têm forte influência sobre essa visão freyriana.

2. Região e tradição

É bastante assinalada na bibliografia a importância dos cursos frequentados por Freyre na Universidade de Columbia e a influência de Boas na formulação central de sua obra no que se refere à relação raça/cultura (Menezes, 1991; Chacon, 1993; Araújo, 1994; Fonseca, 2002). Mas é pouco citada sua presença como aluno de Federico De Onis, professor de literatura em língua espanhola², como indica em seu diário:

Converso com Professor De Onis sobre assuntos hispânicos. Ele se espanta do fato de eu não só aceitar como desenvolver uma concepção de civilização que põe o Brasil do mesmo modo que Portugal no conjunto hispânico de nações (Freyre, 1975a, p. 54).

Também é às vezes esquecida sua ligação com alunos latino-americanos e o fato de ser organizador do jornal desse grupo durante o período que esteve em Nova York. São divulgadas suas caricaturas feitas no período, mas descoladas do contexto – eram charges especiais para o jornal e ilustravam as entrevistas feitas por ele com grandes autores que visitavam a universidade, como Rabindranath Tagore, Amy Lowell e Vachel Lindsay³.

Enquanto aluno da Universidade de Columbia, em Nova York, Gilberto Freyre leu *Idearium español* (1898) e *Granada la bella* (1886), de Ángel Ganivet. Tanto a obra dos anos 1920 como várias atuações políticas de Freyre no período têm forte influência desse autor. A partir dessa leitura funda a defesa das tradições pernambucanas contra o transplante de costumes e instituições modernas. Esse tema atravessa seus artigos publicados no Diário de Pernambuco. Denuncia a destruição no Recife de elementos arquitetônicos e urbanísticos tradicionais – os balcões, os muxarabis, os pátios internos das residências, a arborização, a mudança dos nomes de ruas, que perpetuavam na cidade de Recife a influência moura/ibérica, conhecidos assuntos abordados por Ganivet sobre Granada. Ressalta como tais elementos se constituem em garantia de usos e costumes que operam na coesão da sociedade. Ilustro:

O braseiro e a lamparina têm sido na Espanha dois firmes sustentáculos da vida familiar, que hoje vai se afrouxando por várias causas, entre as quais não é menor o abuso da luz (Ganivet/Mercadal, [1898] 1964, p. 10).

Diz Gilberto:

Uma casa iluminada por igual não predispõe a família para aqueles serões e aquele aconchego de outrora, com a leitura dum romance de Alencar ou do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, depois do jantar, junto ao candeeiro grande e gregário (Freyre, [1925] 1979a, pp. 161-162).

Lembra ainda como o comportamento às *claras* fere o pudor e a elegância presentes nas sociedades tradicionais. Parte dessas teses é retomada em *Sobrados e Mucambos* onde mostra que o transplante à cidade de certos hábitos de origem europeia não ibérica afeta as relações sociais e contribui para acelerar a decadência do patriarcado.

Na mesma direção de Ganivet, Gilberto Freyre vê vantagens na manutenção do analfabetismo. Cito artigo de 1926:

Neste Diário (...) defendi o ideal da alta cultura ao serviço do analfabetismo plástico e ingênuo do grande número, dos que por natureza são mais felizes obedecendo sem esforço. Do ideal de alfabetismo escrevi que o resultado era a mediania da cultura. (...) Muito justo me parece o íntimo parentesco entre os daninhos ideais de “sufrágio universal” e “instrução universal” (Freyre, 1979a, pp. 305-306).

Esta opinião está próxima da observação presente em *Idearium español*, onde o autor andaluz critica os propagandistas da instrução pública que pretendendo reduzir o alto índice de analfabetismo acabariam por infundir à população espanhola

conhecimentos artificiais por meio de caprichosos sistemas. O único papel decoroso que a Espanha representou na política da Europa neste século, não foi o representado por vós ou vossos precursores, mas representou esse povo ignorante, que um artista ignorante e genial como ele, Goya, simbolizou em seu quadro *Dois de Maio* naquele homem ou fera que, com braços abertos, o peito desabrido, desafiando com os olhos, ruge diante das balas que o assassinam (Ganivet, 1896-I-23, Mercadal, 1964, p. 45).

Agrego exemplo de ação influenciada por Ganivet. Para auxiliar na preservação das tradições andaluzas, o autor granadino fundou um centro reunindo intelectuais e artistas, a Confraria Del Avelano, que se propunha à defesa do regionalismo e das tradições populares. Com a participação desse grupo organizou o *Livro de Granada* (Ganivet, 1898). Gilberto Freyre, ao retornar ao Recife ativou o Centro Regionalista do Nordeste em 1924, e em 1925, publicou, com artigos de artistas e intelectuais regionais, o *Livro do Nordeste*, em comemoração aos 100 anos do jornal *Diário de Pernambuco*, onde a relação tradicionalismo-regionalismo confere o tom da publicação. Nesse conjunto de textos “todo o passado colonial e neocolonial vem à tona, engrandecido pela exaltação de vários ensaístas colaboradores, na maioria nordestinos” (D’Andrea, 1992, p. 31). A dupla temática referida figura como eixo de sua dissertação de mestrado na Universidade de Columbia, em 1922, publicada em português em 1964 com o título *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Região e tradição constituem-se, ainda, no cerne de seus dois ensaios publicados em *O Livro do Nordeste* ([1925] 1979b).

Podemos colocar na mesma direção o *Manifesto Regionalista*, que teria sido lido no Congresso Regionalista do Recife que ocorre em 1926, mas publicado somente em 1952. Não entro na polêmica em torno da autenticidade cronológica desse texto e refiro-me somente a seu tema. É certo que inúmeros pontos abordados estão presentes no ensaio de Gilberto Freyre, “Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil” publicado no *Livro do Nordeste*, onde passado e presente se confrontam. Como lembra Antonio Dimas, o objetivo do autor foi “o de inventariar, de modo orgânico, uma dada produção cultural em vias de extinção, porque ameaçada por conceitos apressados de modernização” (Dimas, 1996, p. 26). Principalmente nos trabalhos dos anos 1920, percebe-se claramente a presença da leitura de Ganivet no

pensamento de Gilberto Freyre. Ele mesmo confessa, “a propósito de Ganivet: ele me ajuda a ver o Brasil mais do que ninguém” (Freyre, 1975a, p. 135)⁴.

Além do pensador andaluz, Miguel de Unamuno também é autor invocado por Freyre, especialmente a partir da incorporação da tese da intra-história. Embora seja esta sua dívida mais tangível para com o escritor basco, a exploração do cotidiano das diversas camadas da população também faz parte dessa herança. Sua influência é citada muitas vezes no diário (Freyre, 1975a), recorda seu método e pensamento no livro *Sociologia* (Freyre, 1945), aponta pontos comuns entre sua obra e a desse intelectual em *Como e porque sou e não sou sociólogo* (Freyre, 1968) e assinala suas afinidades com esse autor em *O brasileiro entre outros hispanos* (Freyre, 1975b).

O ponto básico do método freyriano é a recusa de analisar a sociedade a partir de suas instituições o que considerava uma visão distorcida dela. A afirmação de Unamuno sobre a história oficial é praticamente a mesma que inspira *Casa-grande & Senzala*: “Temos considerado mais os sucessos históricos, que passam e se perdem, do que os fatos sub-históricos, que permanecem e se estratificam nas camadas profundas da sociedade” (Unamuno, [1912] 1973, p. 39). Gilberto afirma que a história do Brasil foi bastante maltratada pela prevalência sobre fatos e heróis e que seu método, mesmo num primeiro momento tendo sido considerado herético, foi posteriormente aceito: estudar a história que se esconde por trás dos comportamentos. Por isso seu empenho na reconstrução da formação nacional a partir do uso de documentos não convencionais, entrevistas, formas culturais com raízes antigas, história oral. Tanto a empatia como a impressão também são elevadas por Gilberto à qualidade de método, bem como a importância da linguagem como expressão da organização e das relações sociais formulações também devedoras às reflexões de Unamuno. Este autor compara a história à superfície do mar, mais visível recebendo a luz do sol e mais perceptível pelo ruído das ondas. Todavia, essa superfície se sustenta sobre o mar profundo; essas fundas camadas, agindo sem ruído, sem receber a luz do sol, são comparadas à intra-história. O povo, cujas raízes se encontram no Norte da África, constitui-se no cimento da hispanidade e compreendê-lo significa perceber a natureza do social.

Essa vida silenciosa e contínua como o fundo do mar, é a substância do progresso, a verdadeira tradição, a tradição eterna, não a tradição de mentira que se busca no passado enterrado nos livros, papéis e monumentos de pedra (Unamuno, 1972, pp. 33-34).

Lembra Unamuno que a repressão sobre as diferentes culturas no processo de construção da nação e em nome da unidade histórica da Espanha sacrificou diferentes elementos constitutivos da identidade do povo. Porém, essa diversidade não se perdeu totalmente. Restou a intra-história, isto é, permaneceram elementos culturais de natureza intrínseca que se constituem na vida subconsciente da população e que se mesclaram na constituição da sociedade espanhola. Em cada região do país prevalece um aspecto particular da intra-história. Caberia, então, às classes dirigentes respeitar as características regionais, estudar o povo a fundo, buscar seu inconsciente, seu espírito, compreender suas diferenças regionais para dedicar-se a integrá-las. Gilberto Freyre, no *Manifesto regionalista*, afirma a importância da integração das regiões na mesma direção:

As regiões vêm sendo esquecidas pelos estadistas e legisladores brasileiros, uns preocupados com os ‘direitos dos Estados’, outros com as “necessidades da união nacional”, quando a preocupação máxima de todos deveria ser a de articulação inter-regional (Freyre, 1967, p. 51).

Em *Nordeste* (1937), essa visão já está fortemente colocada a partir do argumento da associação cultural/região, ponto de vista acionado pelas medidas centralizadoras do governo Vargas.

Não há região habitada que não tenha sobre o solo a vegetação, a vida animal, a marca especial do povo que a habite: não só de sua técnica de produção (...) como do conjunto de sua cultura e de sua personalidade ou ethos (Freyre, 1951, pp. 60-63).

Se o regionalismo é importante para o encaminhamento da questão nacional (Balakrishnan, 2000) seu debate ganha sentido político diverso nas diferentes conjunturas históricas de um país. Já assinalai que a

centralização administrativa operada no Brasil em 1930 provocou forte discussão entre intelectuais e políticos. As medidas gerais estabelecidas e a proposta de universalização dos direitos trabalhistas mobilizaram amplos setores da população, e ganharam formulação atingindo somente parte da população trabalhadora. Isto porque o efeito direto desse debate é afirmação da não adequação dos direitos trabalhistas a todos os setores da sociedade, não incluindo os trabalhadores rurais, que, naquele momento, são os mais numerosos no país. Estes além de não usufruir de uma ordenação de seus direitos de trabalho são impedidos de sindicalizar-se. Gilberto Freyre, no texto acima citado soma-se à posição restritiva. Afirma que a harmonia das relações senhores de engenho e agregados é um traço a ser mantido, para a preservação da ordem social. Em outros termos, reforça a afirmação sobre a vantagem da manutenção do trabalho garantido pelas relações pessoais apartado da legislação impessoal. A conciliação de 1930 e a formação do bloco agrário industrial adiam não só essa discussão como a importante reflexão sobre a reforma agrária, sendo que uma restrita extensão da lei de trabalho à economia rural só será realizada no Brasil em 1963. A reforma agrária continua não explicitada legalmente até os dias de hoje. A lembrança do papel na manutenção da ordem social pelos proprietários rurais tem em Freyre um importante mediador (Bastos, 2006).

3. Autogestão da sociedade

Dois dos três livros que compõem *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil* de Gilberto Freyre apresentam o tema da decadência: *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e progresso*. No primeiro o subtítulo já indica a reflexão “Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano”; no segundo, ao lado do título lemos “Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República”. Quase um sumário do livro! Trata-se de um tema nuclear para esse autor. Denuncia o transplante de instituições europeias, em especial da França e da Inglaterra, na configuração da sociedade e da política brasileiras, substituindo a organização de inspiração ibérica. Mais ainda, no âmbito cultural, tal importação afeta usos, costumes, comportamentos que se constituíam na garantia de uma ordem secularmente mantida pelo patriarcalismo. A temática tem sua expressão maior em *Sobrados e Mucambos*, principalmente a partir da segunda edição de 1951, dedicado a mostrar

mudanças de substâncias e de formas sociais e culturais a assinalarem começos de maior urbanização e mais evidente industrialização da vida brasileira. A marcarem o declínio de uma sociedade e de uma cultura predominantemente agrárias e rurais nos seus modos de serem patriarcais (Freyre, 1981, p. XXXI).

Trata-se de ponto desenvolvido, como indicado anteriormente, no livro *Meditaciones del Quijote* de Ortega y Gasset o qual influencia algumas hipóteses levantadas pelo escritor pernambucano. Várias outras teses desenvolvidas por esse autor espanhol são abraçadas por Gilberto Freyre – o homem e suas circunstâncias, o tempo trípico, o estilo de vida dos povos, a superioridade da sensibilidade sobre a racionalidade no povo ibérico. Esta última proposta ganha corpo de forma orgânica primeiramente em *Casa-grande & Senzala* tendo continuidade nos textos posteriores: “A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil” (Freyre, 1933, p. 27). Já no prefácio da primeira edição de seu livro mais divulgado, Gilberto Freyre lembra a ordem social implantada pelo patriarca no início da colonização do Brasil.

A casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos (Freyre, 1933, p. XXI).

O que possibilitou a permanência por séculos da sociedade patriarcal na sociedade brasileira foi sua plasticidade, sua aceitação de um ecletismo que permitiu a conciliação entre interesses conservadores e propostas liberais, situação aparentemente conflitante. Assim, para Gilberto Freyre, o patriarcalismo é o sustentáculo das formas econômicas, sociais e culturais que atravessaram a sociedade brasileira na colônia

e em parte do império. No segundo reinado, a centralização do poder nas mãos de D. Pedro II alterou profundamente a ordem estabelecida. A duplicidade de suas medidas e atitudes, sendo liberal mais para efeitos externos e internamente detendo fortemente o poder, afetou o equilíbrio tradicional da sociedade nacional. A posição do imperador com a vida dupla que parece ter pretendido levar, “indo piedosamente à missa no Brasil e fazendo o pelo-sinal aos olhos das multidões brasileiras e, na Europa, ostentando espírito voltairiano” (Freyre, 1959, p. 19) acelera o triunfo republicano. Diante de seu empenho pela modernização “a ordem patriarcal tornou-se impedimento a um desenvolvimento secularizador. Cindiu-se o pacto” (Bastos, 2001, p. 384).

A crise do patriarcado não foi provocada apenas por fatores externos, “o absolutismo do *pater familias* na vida brasileira foi se dissolvendo à medida que outras figuras de homem criaram prestígio na sociedade escravocrata” (Freyre, 1981, p. 122). Assim o médico, o engenheiro, o juiz, o advogado, o mestre escola, o chefe de polícia, o presidente de província, inúmeras vezes filhos legítimos ou ilegítimos do patriarca, fizeram frente a sua autoridade e seu poder. Diante dos diferentes fatos, Gilberto Freyre aponta para um lento processo de mudança que atinge as diferentes esferas da sociedade – a econômica, a social, a cultural e a política.

A tese freyriana sobre as vantagens encontradas na autogestão da sociedade, expressa organicamente na segunda edição de *Sobrados e Mucambos* e comentada em *Como e porque sou e não sou sociólogo*, funda-se em reflexão de Ortega exposta explicitamente em seu trabalho sobre o Império Romano onde argumenta que Roma, tendo sua ordem social e política ancoradas no *pater familiae*, sofre um desarranjo com a supremacia do Império, pois o Estado funciona sobre a sociedade como um aparelho ortopédico, alterando seu funcionamento natural (Ortega, 1985). Essa sugestão é muitas vezes repetida por Gilberto Freyre em seus textos: em *Nordeste*, em *Sociologia* e *Interpretação do Brasil* onde mostra que várias medidas institucionais vêm quebrar a harmonia existente entre o privado e o público, o que considera ruptura indesejável. Tal quebra de continuidade ameaçaria a ordem social.

Gilberto Freyre denuncia o perigo de desagregação da ordem existente na sociedade, ocasionado pela perda das tradições e pela decadência do poder do patriarca, traços representativos da especificidade do Brasil diante das sociedades ocidentais. Daí a reconstrução da formação *sui generis* brasileira que articula etnias e culturas, formas encontradas para o desenvolvimento de uma cultura avançada no trópico com a ordenação não do Estado, mas do patriarcado nesse processo.

4. Um escritor ibérico

Como já assinalei inserido no debate dos anos 1930, o livro *Casa-grande & Senzala* apresenta teses que ressoam não apenas as assinaladas pelo autor no prefácio da primeira edição - aquelas formuladas por Boas -, mas também ideias dos autores hispânicos já presentes nos escritos freyrianos da década de 1920. Mas não apenas os temas desenvolvidos pelos autores da Península Ibérica marcam o pensamento de Gilberto Freyre. É também o método desenvolvido pelos seus escritores, importante na definição do lugar da racionalidade na interpretação da sociedade. Isso se reflete na forma de representar o Brasil. O autor pernambucano assinala o fato de pertencer antes à tradição espanhola do que à portuguesa. “Sou escritor acreditando pertencer principalmente à tradição ibérica de escritor (...) mais à maneira espanhola do que à portuguesa” (Freyre, 1968, p. 67). Tal pertencimento definiria o traço principal de seu perfil intelectual: o ajustamento da palavra à personalidade e não o contrário - condição principal dessa tradição que o torna um escritor mais de campo do que de gabinete. Ainda, o autorizaria a reproduzir o traço marcante dessa formação: “concreto em suas descrições, deformadas, entretanto, para efeitos de síntese ou de intensificação simbólica da simples realidade” (Freyre, 1968, p. 172). Assim, foge do modelo cartesiano e do positivista, interpretando a realidade a partir de uma perspectiva personalista. Isto o aproximaria de vários autores ibéricos situados em diferentes momentos da história: o português Fernão Mendes Pinto, do século XVI, os espanhóis Luís Vives que vive no século XVI, Ángel Ganivet do fim do século XIX, Miguel de Unamuno do final do século XIX e início de XX, Ramón del Valle Inclán, que conheceu em Nova York em

1921, Ortega y Gasset, do século passado, todos exercendo uma particular leitura da realidade. O método impressionista, tantas vezes invocado por Gilberto Freyre, tem aí sua raiz.

O que significa ser um escritor ibérico? Para ele quer dizer ter uma atividade mais de aventura que de rotina. Ser asperamente individual para ser independente. Tornar-se capaz de ser

principalmente pessoa ou principalmente homem: um homem que ajusta a palavra à sua personalidade em vez de ajustar a personalidade a qualquer conjunto de convenções de arte literária tidas por essenciais à consagração de um homem especificamente de letras” (Freyre, 1968, p. 168).

Escrever à revelia de quase todas as convenções literárias, juntando às velhas crônicas de feitos heroicos muito de pitoresco e até mesmo do vulgar. Intensificar a realidade, dramatizando-a para compreendê-la e interpretá-la. Tornar-se a negação do típico *literateur* abstrato. Ser competente para complexar o real, substituindo uma perspectiva única por perspectivas empáticas e simultâneas da mesma realidade. Redimensionar o mundo baseando-se na intensificação de fatos, misturando pessoas e tempos diversos e buscando novas combinações de relações reais de pessoas com paisagens. Operar com a autobiografia, não sendo inventor de personagens ou de mitos, tendo por base a própria experiência, mas operando sobre eles de modo criativo.

A tendência de um escritor hispânico é para um realismo vizinho de um expressionismo desdenhoso, em seu modo de ser expressão ou interpretação ou intensificação literária de vida vivida ou de experiência experimentada, de quanto lhe pareça bizantina estilística ou chinesa artística.(...) Ser capaz de buscar um modo de escrever no passado, nas tradições de um povo, sem tornar-se arcaico (Freyre, 1968, pp. 174-176).

Para Gilberto Freyre, Unamuno lembra esses traços: capta com realismo o presente, arrancando essa realidade das tradições do povo, buscando na história da sociedade a explicação do mundo contemporâneo. Propôs-se essa tarefa não só intelectual, mas também de ação, exemplarmente como reitor da Universidade de Salamanca. A associação de obra e vida pode ser ilustrada pela coincidência de sua morte em 31 de dezembro de 1936 com o momento culminante da tragédia espanhola levando a que Ortega afirmasse que morreu do “mal de Espanha” (Ortega y Gasset, 1990, p. 19).

É interessante notar que Gilberto Freyre assinala que esse exercício especial de ver o mundo e descrevê-lo só é possível em épocas de dissolução de alguns estilos de vida, de conduta e de etiqueta e de substituição por outras. Esclarecedora dessa posição é a busca dos exemplos que ilustram as raízes de sua reflexão: Cervantes, Vives, Fernão Mendes Pinto, Pio Baroja, Unamuno, Ganivet, Valle Inclán, Garcia Lorca, Ortega y Gasset. Todos localizados em momentos de transição, quando se altera o modo de organizar a vida e o próprio estilo de viver. Uma transição social e política, um modo singular de combinar elementos componentes de vida e escritura. Podemos lembrar ainda que uma das características da tradição ibérica de pensamento reside na não separação dos valores intelectuais daqueles éticos. Em outras palavras, é o estímulo moral que preside a reflexão, resultando disso que o caráter da sociedade ibérica seja antes marcado pela ação do que pela especulação. Luís Vives é não apenas a ilustração dessa tendência como uma das influências mais importantes desse quadro. Deve-se assinalar que o Renascimento, na Espanha, tem um matiz marcadamente humanista - basta citar San Juan de la Cruz, Santa Teresa de Ávila e Diego de Estella, textos largamente invocados pelo autor pernambucano. Tais autores assumem caráter eminentemente educador do comportamento social.

Esses elementos de certa forma definem o estilo do escritor ibérico: é simultaneamente expositor e narrador. Ortega assume esse traço embora não o explicita em todas as suas obras. Em seu texto se entrecruzam descrição e narração, contando anedotas, descrevendo paisagens e figuras, situando a reflexão em perspectiva simultaneamente espacial e temporal, buscando modos de representar o fazer, o pensar e o dizer de certos personagens. De certo modo, o autor, nessas obras, é personagem de si mesmo; ou melhor, os personagens fictícios servem para que reitere suas ideias, funcionando como seu *alter ego*, principalmente nos artigos de *El Espectador*. Nada mais próximo a isso do que o estilo freyriano, onde a

experiência vivida é o mote para a reconstituição do passado e a explicação do presente. Não só em *Casa-grande & Senzala* ou *Sobrados e Mucambos*, exemplos bastante conhecidos, essa marca aparece; mas em *Dona Sinhá* e *o filho padre* narrador e narrado se confundem, espaço e tempo se misturam, permitindo a insólita solução de o lugar - a cidade - tornar-se pouco a pouco personagem principal, articuladora da narrativa (Bastos, 2012).

Deve-se assinalar que a inquietude criadora presente na sociedade ibérica se traduz no perfil de seus escritores. Da presença de tendências muito diversas na formação da sociedade, marcada pela dupla tradição latina e árabe, cristã e muçulmana, deriva certa concepção de cultura resultante de uma valorização pragmática da existência. Daí sua atividade orientar-se em sentido positivo e para uma forma concreta de pensamento que o torna diferente daquele dos demais países da Europa (Costa, 1956, pp. 28-31). Esse caráter é ditado pela necessidade de conciliação das tendências diversas, missão a que se propõem os intelectuais e que, se não alcançada resultaria em uma cultura dual. Não é sem sentido que a temática desses escritores gira em torno da tese *dos dois países* e do desafio - *como articulá-los?* A imagem das duas Espanhas, ou seja, a visão que associa o caráter do país a dois blocos a serem conciliados, atravessa o debate político espanhol e acaba por se transformar em mote importante de sua literatura. A questão ganha importância nos momentos de crise e inúmeros autores e especialmente aqueles pertencentes à Geração de 98 aproximam esse debate ao tema “regeneração”. Unamuno e Ganivet são exemplares no processo de buscar “as causas profundas do mal espanhol” resultado do transporte de soluções institucionais externas deixando de lado saídas tradicionais ancoradas no caráter do povo e suas potencialidades.

Conforme assinalamos, os escritores acima citados são leituras importantes de Gilberto Freyre e caracterizam pontos centrais em suas obras. Muito o impressionou o debate sobre a dualidade presente na formação hispânica, tese que importa para a explicação da sociedade brasileira. Nos artigos de jornal escritos durante a década de 1920 a influência é explícita, de modo marcado na reflexão sobre a morte das tradições, principalmente quando assinala a gratuidade de certas ações modernizadoras. Paulatinamente constrói a interpretação da existência de um país real - tradicional, rural, ordenado, com raízes no passado - que está ameaçado de destruição por medidas apressadas que visam à modernização, que projetam um país fictício, porque inspirado em nações com outros fundamentos sociais. Segundo ele, é necessário invocar menos princípios gerais a serem aplicados e mais fixarem-se em sociedades concretas, estas com origens diversas, com culturas específicas, com povos diferenciados.

Assim, para Gilberto Freyre o funcionamento da sociedade nos pontos comuns aos grupos e na sua diversidade constitutiva torna-se ponto central de sua reflexão. Esse ponto de partida foi levantado por Ibn Khaldun, no século XIV, a respeito do estudo das sociedades do norte da África, autor que o escritor pernambucano conheceu pela apresentação de Ortega y Gasset⁵. Este, em importante ensaio sobre o que é História, analisa o pensamento do autor norte africano que aponta para o fato dos intelectuais europeus não terem apreendido a natureza dessa região, pois a abordam a partir de ideias forjadas no mundo ocidental que não podem dar conta dos particularismos que atravessam aquela sociedade. Pensando aquela realidade “desde dentro” Ibn Khaldun pode revelar o segredo de seu funcionamento: a aparente desordem dos acontecimentos africanos pode ser entendida se nos dermos conta da presença

da coexistência de dois modos de vida - a vida nômade e a vida sedentária. Este é o fato radical, básico, inesgotável, do qual brota toda a história africana. (...) As duas realidades que constituem a história são, aos olhos de Abenjalidún, o Estado e a civilização; isto é, governo e cultura (Ortega y Gasset, 1985, p. 1077).

A essência das duas formas de organização social é diferente: dois tipos de homens criam uma e outra. O governo, segundo Ibn Khaldun, é coisa de nômades; a civilização, ao contrário, é produto dos sedentários que configuram a cidade.

Porém, aqui está o segredo de todos os movimentos históricos. A cidade, onde reside o saber, o trabalho, a riqueza, os prazeres, não tem nervos para o domínio. O nômade, pelo contrário, robustecido em uma vida dura e pobre, possui a alta disciplina moral e a coragem (Ortega y Gasset, 1985, p. 1078).

Por esse motivo, os Estados têm vida cíclica. Ao apoderarem-se da cidade, os nômades são afetados pelo seu modo de vida e perdem aquela dureza que possibilita o mando. “Pouco antes, pouco depois, sobrevém a decrepitude. Os Estados, como os indivíduos, têm uma vida: crescem, chegam à maturidade, e então começam a declinar” (Ortega y Gasset, 1985, p. 1079). Segundo Ortega, este ponto de partida duplo, onde se reconhecem dois modos distintos, mas profundamente articulados, permite a Ibn Khaldun perceber o ciclo histórico, a imbricação passado-presente-futuro. Porém, embora esse ciclo se reponha não se repete; o processo figura uma espiral, em que *novo* e *velho* se completam.

Em certos pontos “o passado e o futuro se parecem como duas gotas d’água”. O historiador tem que evitar outros erros que nascem de ignorar como, junto a esses elementos invariáveis, é preciso ter em conta “as mudanças que a diferença dos tempos e das épocas acarreta ao estado das nações e povos”. Não existe nunca uniformidade, mas “uma transição de um estado a outro”. Abenjalidún examina as grandes mudanças que conhecia, o que para ele era a grande avenida da história (Ortega y Gasset, 1985, p. 1082).

Este processo explica tanto a uniformidade como a diferença, porque os grupos diversos se amoldam, porém, conservando também seus usos. “Por isso não existem épocas consecutivas completamente iguais, nem completamente desiguais” (Ortega y Gasset, 1985, p. 1083). Trata-se de uma dinâmica da sociedade que expressa cooperação entre homens, que necessitam uns dos outros. Simultaneamente representa luta entre os homens. Desse movimento dual decorrem as “funções históricas: a cooperação cria a civilização, a luta engendra por si mesma um poder moderador dos antagonismos - a soberania” (Ortega y Gasset, 1985, p. 1085).

Evidentemente, a tese central de Gilberto Freyre ressoa essas ideias: cooperação entre grupos aparentemente oponentes; a consideração do escravo, “vencido” no processo de distribuição do poder na sociedade, como “civilizador” da sociedade brasileira; a articulação do *velho* e do *novo*, do tradicional e do moderno; a simultaneidade dos tempos *presente*, *passado* e *futuro*. Como apontei o escritor pernambucano lera aquele prefácio de Ortega y Gasset - *Abenjalidún nos revela el secreto* - publicado independentemente nos anos 1920, e reeditado na coletânea *El Espectador* em 1934. Chamo a atenção para o fato de existir uma formulação *transversal*, isto é, que atravessa os diversos princípios explicativos freyrianos. Trata-se da afirmação da coexistência de dois princípios ordenadores da sociedade brasileira: o primeiro, marcado pelo sedentarismo, que corresponde à civilização do açúcar; o outro, caracterizado pelo nomadismo, que coincide com a descoberta das minas e com o bandeirantismo paulista, estes pontos fortemente presentes em *Ordem e progresso*. Ambos convivem e são complementares. No entanto marcam não apenas perfis regionais diferentes, como indicam interesses grupais diferenciados. O importante dessa configuração explicativa é o sentido que ganha do ponto de vista do encaminhamento político dos anos 1930, onde o centralismo político-administrativo configura-se em eixo do projeto de organização econômica, social, política e cultural no Brasil.

Assim, considerando-se este aspecto, a reflexão de Gilberto Freyre ganha amplitude nacional ao apontar para os limites de um projeto político que levasse em conta apenas um dos modos de organização da sociedade: aquele construtor da “civilização”, ou o outro, fundamento da “soberania”. Ao reconstruir as bases cotidianas da civilização do açúcar, aponta para a necessidade dos setores dirigentes que, naquele momento, elaboram o novo projeto político brasileiro contemplarem os *velhos setores sociais* que foram responsáveis pela ordem durante séculos. Na medida em que a sociedade é constituída por uma articulação entre *civilização* e *soberania*, os setores modernos e os tradicionais deveriam compor-se para fundar uma nova unidade. Negar-se a aceitar essa conciliação significaria, segundo o escritor pernambucano, pôr em risco toda a ordem social.

Nesse sentido pode-se dizer que a obra freyriana tem uma vocação política nacional não explícita no discurso desse autor. Do mesmo modo que a obra orteguiana tem uma vocação europeia, de inclusão da península ibérica com seus particularismos numa proposta de unidade da Europa. Mais do que isso, uma orientação que aponta para um específico ocidente, onde se inclui a América Latina como extensão daquele modelo ibérico. Mas trata-se de outro tema a ser desenvolvido em outro momento.

NOTAS

¹ A *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*, composta pelos livros *Casa-grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Ordem e Progresso* e *Jazigos e Covas Rasas* (este não concluído), figura uma unidade só proposta por Gilberto Freyre mais tarde quando da publicação do último em 1959.

² Gilberto Freyre lembra a influência desse professor em seu diário publicado com o título *Tempo morto e outros tempos* (1975).

³ Gilberto Freyre se refere a essa ligação com estudantes latino-americanos em seu diário, citado na nota anterior. As charges referidas aparecem no livro de Menezes (1991), publicado em primeira edição em 1944.

⁴ Tive oportunidade de analisar de modo mais detalhado a presença dos temas de Ganivet na obra de Gilberto Freyre em artigo publicado na revista *Fundamentos de Antropología*, do Centro de Investigaciones Etnológicas Ángel Ganivet, Granada, 1998.

⁵ Ortega y Gasset fez a apresentação da tradução espanhola de *Muqaddimah* de Ibn Khaldun.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, R. B. de. (1994). *Guerra e paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Balakrishnan, G. (Org.). (2000). *Um mapa da questão nacional* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bastos, E. R. (2006). *As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global.
- Bastos, E. R. (1998). Viagens de Ganivet a Brasil. *Fundamentos de Antropologia*, nº 8-9, 75-86.
- Bastos, E. R. (2001). Ordem e Progresso. In L. D. Mota (Org.). *Introdução ao Brasil 2. Um banquete no trópico* (pp. 357-384). São Paulo: Editora Senac.
- Bastos, E. R. (2003). *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico*. Bauru: EDUSC; São Paulo: Editora Sumaré.
- Bastos, E. R. (2012). Gilberto Freyre: A cidade como personagem. *Sociologia & Antropologia*, 2(3), 135-158.
- Chacon, V. (1993). *Gilberto Freyre, uma biografia intelectual*. Recife: FUNDAJ/Ed. Massangana; São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Costa, J. C. (1956). *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- D'Andrea, M. S. (1992). *A tradição re(des)cobreta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Editora Unicamp.
- Dimas, A. (1996). Um Manifesto Guloso. Prefácio à 7ª edição. In F. Quintas (Org.). *G. Freyre. Manifesto Regionalista* (7ª Ed., pp. 23-44). Recife: FUNDAJ/Massangana.
- Fonseca, E. N. da. (2002). *Gilberto Freyre de A a Z. Referências essenciais à sua vida e obra*. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor.
- Freyre, G. (1981). *Sobrados e Mucambos* (Vol. I, 6ª ed. [a partir da 2ª edição]). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. et al. (1979b). *Livro do Nordeste* (Ed. fac-similar). Recife: Secretaria de Justiça, Arquivo Público Estadual.
- Freyre, G. (1933). *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda.
- Freyre, G. (1936). *Sobrados e Mucambos*. Decadência do Patriarcado rural no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Freyre, G. (1937). *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. (1945). *Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. (1947). *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. (1959). *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. (1967). *Manifesto regionalista* (4ª Ed.). Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- Freyre, G. (1968). *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora UNB.
- Freyre, G. (1971). *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Freyre, G. (1975a). *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. (1975b). *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações*. Rio de Janeiro: José Olympio/ INL; Brasília: Ministério de Educação e Cultura.
- Freyre, G. (1977). *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (2ª Ed., W. Valente, Trad.). Rio de Janeiro: Artenova.
- Freyre, G. (1979ª). *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor- 1918-1926* (Vol. I e II). São Paulo: IBRASA; Brasília: INL.
- Ganivet, A. (1964). *Idearium español* (J. García Mercadal, Recop.). Madri: Afrodísio Aguado Editores-Libreros.
- Ganivet, A. (1996). *Granada La bela* (Ed. F. García Lara). Granada: Diputación Provincial; Fundación Caja de Granada.
- Ibn Khaldun. (1967). *The Muqaddimah. An Introduction to History*. Princeton: Ed. Princeton University.
- Menezes, D. de M. (1991). *Gilberto Freyre (Notas biográficas com ilustrações, inclusive desenhos e caricaturas)* (2ª Ed. Atualizada, prefácio de O. Ribeiro Coutinho). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana.
- Ortega y Gasset, J. ([1914] 1987). *Meditaciones del Quijote. Ideas sobre la novela* (6ª Ed.). Madri: Espasa-Calpe.
- Ortega y Gasset, J. (1985). Abenjaldun nos revela el secreto (pensamientos sobre África Menor). In *El Espectador VIII* (5ª Ed., pp.1071-1103). Madri: Biblioteca Nueva.

Ortega y Gasset, J. (1985a). El Imperio Romano. In *Las Atlántidas y del Imperio Romano* (pp. 137-196). Madrid: Alianza Editorial.

Ortega y Gasset, J. (1990). Em La muerte de Unamuno. In A. S. Barbudo. *Miguel Unamuno: el escritor y la crítica* (2ª Ed., pp. 19-22). Madrid: Taurus Ediciones.

Unamuno, M. de. ([1895] 1972). *En torno al casticismo* (4ª Ed.). Madrid: Espasa-Calpe.

Unamuno, M. de. ([1922] 1988). *Andanzas y visiones españolas*. Madrid: Alianza Editorial.

Unamuno, M. de. (1973). *El porvenir de España y los españoles*. Madrid: Espasa-Calpe.